
O que é ser jogador de futebol? Autoconceito de atletas do futebol sergipano.

*Cleberon Franclin Tavares Costa,
Aline da Conceição Souza Costa,
Marlizete Maldonado Vargas*

Resumo

O presente estudo objetivou analisar o autoconceito profissional de atletas do futebol sergipano. Trata-se de pesquisa observacional e descritiva, com 78 atletas profissionais que disputaram as semifinais do campeonato estadual. As entrevistas semiestruturadas foram submetidas à análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O autoconceito de profissão foi representado por 6 diferentes discursos: *Sonho (35,7%)*; *Fazer o que gosta (25,8%)*; *Ser Profissional (13,6%)*; *Remuneração/Sustento Financeiro (7,7%)*; *Exercer um dom (6,2%)*; *Reconhecimento Social (6,2%)* e *Tudo na vida (4,6%)*. Jogar no futebol sergipano significa uma boa oportunidade para 50,6%, principalmente para os iniciantes. Conclui-se que ser atleta profissional de futebol é um projeto de vida que demanda responsabilidade, mas é visualizado como uma possibilidade de ascensão social. Sobre o futebol sergipano, foi caracterizado como atrativo para os atletas, principalmente para os iniciantes. Considera-se relevante a comparação desses achados com outros estudos que investiguem profissionais de outros centros brasileiros de menor destaque esportivo.

Palavras-chave: Futebol, atletas, autoconceito.

What is it to be a soccer player? Self-concept of Sergipe soccer athletes

Cleberson Franclin Tavares Costa, Aline da Conceição Souza Costa, Marлизete Maldonado Vargas

Abstract

The present study aimed to analyze the professional self-concept of Sergipe football athletes. It is an observational and descriptive investigation, with 78 professional athletes that played the semifinals of the State Championship. The semi-structured interviews were submitted to the analysis of the Collective Subject Discourse (DSC). The self-concept of profession was represented by 6 different speeches: Dream (35.7%); Do what you like (25.8%); Be Professional (13.6%); Remuneration / Financial Subsistence (7.7%); Exercise a gift (6.2%); Social Recognition (6.2%) and Everything in life (4.6%). Playing in Sergipe football means a good opportunity for 50.6%, mainly for beginners. It is concluded that being a professional soccer athlete is a life project that demands responsibility, but is visualized as a possibility of social ascent. On Sergipe football, it was characterized as attractive for athletes, mainly for beginners. It is considered relevant to compare these findings with other studies researched by professionals from other Brazilian centers of lesser sporting standing.

Key-words: Soccer, athletes, selfconcept.

¿Qué es ser jugador de fútbol? Autoconcepto de atletas del fútbol sergipano.

Cleberson Franclin Tavares Costa, Aline da Conceição Souza Costa, Marлизete Maldonado Vargas

Resumen

El presente estudio objetivó analizar el autoconcepto profesional de atletas del fútbol sergipano. Se trata de una investigación observacional y descriptiva, con 78 atletas profesionales que disputaron las semifinales del campeonato estadual. Las entrevistas semiestructuradas fueron sometidas al análisis del Discurso del Sujeto Colectivo (DSC). El autoconcepto de profesión fue representado por 6 diferentes discursos: Sueño (35,7%); Hacer lo que le gusta (25,8%); Ser Profesional (13,6%); Remuneración/Subsistencia Financiera (7,7%); Ejercer un don (6,2%); Reconocimiento Social (6,2%) y Todo en la vida (4,6%). Jugar en el fútbol sergipano significa una buena oportunidad para el 50,6%, principalmente para los principiantes. Se concluye que ser atleta profesional de fútbol es un proyecto de vida que demanda responsabilidad, pero es visualizado como una posibilidad de ascenso social. Sobre el fútbol sergipano, fue caracterizado como atractivo para los atletas, principalmente para los principiantes. Se considera relevante la comparación de estos hallazgos con otros estudios que investiguen profesionales de otros centros brasileños de menor destaque deportivo.

Palabras-clave: Fútbol, atletas, autoconcepto.

Introdução

O futebol é um fenômeno social, e através de diversos levantamentos de entidades esportivas apresenta números que o colocam como o esporte de maior adesão mundial. Segundo o recente levantamento realizado pela Federação Internacional de Futebol e Associados (FIFA), cerca de 270 milhões estão envolvidos no futebol profissional, sendo 265 milhões federados como atletas (FIFA, 2007).

Além dos expressivos embasamentos quantificados, o futebol apresenta características que transcenderam o desporto e enraizaram-se em questões socioculturais do Brasil. A história do futebol brasileiro revela a extensão dos costumes desenvolvidos e praticados pela sociedade, por um esporte que ingressou no país por vias elitistas. Gradativamente, o futebol chegou à população com menor poder aquisitivo e, aliado ao sucessivo destaque do selecionado brasileiro em competições mundiais, se tornou o esporte símbolo nacional (Guterman, 2013; Gabriel, Freitas Júnior & Schimanski, 2014).

O crescimento da prática e as mudanças políticas internacionais (consolidação do capitalismo e a globalização da mídia) permitiram que o futebol se transformasse em um negócio altamente lucrativo para as instituições federativas (Santos, 2014). De 2005 a 2014, a FIFA apresentou uma receita líquida aproximada a 1,38 bilhões de dólares, enquanto a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no período de 2009 a 2014, obteve lucro aproximado a 318,7 milhões de reais (BDO RCS, 2015).

Enquanto negócio, o futebol profissional necessita atender às demandas do mercado para se tornar sustentável e, em determinados momentos, essa necessidade se sobrepõem aos princípios éticos e educacionais na formação dos atletas (Ciampa, Gonçalves Leme & Ferreira de Souza, 2010). Os clubes visualizam os atletas enquanto produtos a serem comercializados, fomentando, principalmente, aos que preenchem os critérios (composição corporal, posição tática e conduta profissional, principalmente) de busca emergentes no mercado (Daou, Fátima Guareschi & Azambuja, 2014).

Ingressar no futebol como atleta profissional significa enfrentar um mercado seletivo e bastante competitivo. A análise dos processos de seleção das categorias de base em clubes brasileiros revela que a procura é muito maior que o número de vagas disponíveis (Soares, Melo, Costa, Bartholo & Bento, 2011). Dos aspirantes que se tornam profissionais, uma restrita parte atinge condição financeira diferenciada, enquanto a maioria joga em clubes de menor expressão e exerce a função em condições de trabalho deficitárias e dispõem de baixos salários, destacando os constantes descumprimentos a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) (Ciampa et al., 2010). Além dessas demandas, o atleta pode se deparar com outras dificuldades, como a cobrança demasiada de torcedores, dirigentes e familiares, que exigem alto desempenho com regularidade (Araújo-Corrêa, Alchieri, Duarte & Strey, 2002).

Apesar dos empecilhos que acompanham a carreira dos atletas de futebol, o futebol segue como um fenômeno social, despertando em milhões de jovens brasileiros o sonho de se tornarem "profissionais da bola" (Morato, Giglio & Gomes, 2011). Deste modo, o presente estudo levantou uma pergunta para

que atletas possam passar suas impressões sobre a profissão: o que é ser jogador de futebol profissional?

Através da questão supracitada, pretende-se compreender aos diferentes autoconceitos da profissão, identificando visões multifacetadas de um mesmo tema. O autoconceito é uma definição através da percepção de si que o indivíduo formula mediante vivências sociais. O estudo deste elemento é importante para compreender aspectos importantes do comportamento, como a conduta e a noção de identidade que este estabelece com o meio representado ou inserido (Serra, 1988).

O autoconceito é formulado por cada indivíduo através da interação com o meio social, geralmente constituída através da sua percepção de mundo e das suas atitudes, assim como suas capacidades, crenças e valores perante a sociedade (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2010). A investigação sobre o autoconceito de profissão em atletas de futebol é escassa, e os poucos estudos publicados direcionaram para o autoconceito de gênero (Medeiros, Ferrari & Cardoso, 2014) e a autoestima (Stobaus, 1983).

O presente estudo teve como objetivo analisar o autoconceito de profissão de atletas do futebol sergipano.

Métodos

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo misto, descritivo e observacional, com diários de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas durante o Campeonato Sergipano de Futebol Profissional 2014.

Amostra

A amostra foi composta por 78 (setenta e oito) atletas do sexo masculino de quatro equipes semifinalistas que disputaram o Campeonato Sergipano 2014. Todos os atletas com contrato profissional em vigência foram convidados a participar da coleta, e os que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Destaca-se que todos os 112 atletas com vínculo profissional vigente, na ocasião, foram convidados à participar do estudo e 78 aceitaram participar. A idade média dos participantes foi de 25,73 anos, com moda de 24 anos ($n=13$), sendo o mais jovem com 18 anos, e o mais velho com 40 ($DP = 4,382$; $DM = 0,487$).

Procedimentos éticos

O estudo atendeu aos critérios éticos de elaboração e execução, e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Tiradentes em 24 de abril de 2014, sob o parecer nº 625.388.

Instrumentos

Para preenchimento dos objetivos alçados, foram realizados registros de diários de campo e aplicadas entrevistas semiestruturadas.

Os diários de campo foram escritos sempre ao final de cada visita, de maneira a complementar informações obtidas em diálogos anteriores ou posteriores a aplicação das entrevistas, além de obter registros de percepções situacionais do pesquisador em campo.

A entrevista foi composta por cinco questões, sendo três para levantamento de informações sócio profissionais (idade, tempo de profissão e posição tática) e duas questões abertas: O que é ser jogador de futebol profissional? Como você se sente em ser jogador de futebol profissional em Sergipe?

Análise de Dados

Todos os participantes tiveram suas entrevistas gravadas por equipamentos de áudio e transcrito, ao final do levantamento. Na análise das entrevistas foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), o qual permite, por meio de discursos individuais, tornar evidente a expressão coletiva. Lefrève e Lefrève (2006) destacam que o DSC busca opinião do coletivo no qual o entrevistado se insere coletivo, tendo como base a Teoria das Representações Sociais e busca responder questões expostas individualmente, mas que representam a visão do coletivo. O DSC é produzido na primeira pessoa (seja singular ou plural) e parte do pressuposto do social falando, em que o indivíduo emite sua opinião sem perceber que está inserido num contexto social influente. Ele permite também a quantificação através do agrupamento das expressões chaves (frases do discurso) e ideias centrais (categorias) que emergem dos discursos (Lefrève & Lefrève, 2006).

No processo de transcrição e análise de entrevistas, o pesquisador de campo categoriza os discursos, aproximando-os e formando o(s) Discurso(s) do Sujeito Coletivo. Para o auxílio deste tratamento de dados, foi utilizado o QUALIQUANTISOFT, software desenvolvido especificamente para o tratamento de dados e formulação de DSCs.

Resultados

Seis expressões chaves representam o significado atribuído a o que é ser jogador de futebol profissional: *Sonho, Fazer o que gosta, Ser profissional, Remuneração/Sustento financeiro, Exercer um dom, Reconhecimento social, Tudo na vida* (Quadro 1).

Quadro 1 – Análise dos DSC que representam o autoconceito de atleta de futebol profissional, Sergipe, 2014

Grupo	Expressão chave	n (%)	DSC
A	<i>Sonho</i>	47 (35,7%)	"É a realização de um sonho de criança, um sonho não só meu como da minha família. Todos gostariam de ter um jogador na família. Independente do estado que a gente tá jogando, o nível do futebol, mas é um sonho. A gente tem o sonho de chegar mais alto, agora é buscar coisas melhores."
B	<i>Fazer o que gosta</i>	34 (25,8%)	"É fazer aquilo que você ama, sentir emoção no que você faz. Independente das condições, pra mim a maior felicidade do mundo é ser jogador de futebol. Se eu estivesse em outra área, poderia ser um profissional frustrado."
C	<i>Ser profissional</i>	18 (13,6%)	"Existe o jogador e o atleta de futebol. Atleta de futebol é uma profissão, é ser profissional, concentrar, descansar, ter responsabilidade, pois muitas pessoas que estão por trás (torcedores, família). É uma profissão difícil, muita concorrência, a gente é julgado e cobrado a todo momento, é uma profissão muito séria e as vezes as pessoas não dão o valor devido, acham que as coisas são fáceis."
D	<i>Remuneração o/ Sustento financeiro</i>	10 (7,7%)	"Tudo que conquistei foi graças ao futebol, casa, meus filhos têm o que eu não tive. É de onde eu tiro sustento da minha família. É um meio de poder ajudar minha família, uma maneira de buscar algo melhor. E se fizer um bom trabalho e der sorte, você pode ficar rico."
E	<i>Exercer um Dom</i>	8 (6,2%)	"É um dom que Deus me deu e sigo, boto em prática. É um privilégio, muitos queriam ser e não podem, por isso agradeço a Deus."
F	<i>Reconhecimento social</i>	8 (6,2%)	"É muito bom ser reconhecido por onde você passa, ter vantagens, representar sua cidade e ser visto como referência. E se sou conhecido, tenho que agradecer a bola."
G	<i>Tudo na vida</i>	6 (4,6%)	"Ser jogador pra mim é vida. É tudo na minha vida. Não sei fazer outra coisa e se não fosse jogador, não sei o que ia ser."

Fonte: Fonte: Elaborado pelos autores.

A primeira expressão que emergiu, e a mais frequente no autoconceito do atleta de futebol profissional, foi Sonho (35,6%). O futebol tem ocupado há várias décadas espaço de destaque na mídia brasileira, reforçando o pensamento social de nascer no Brasil por si só já facilita o acesso ao futebol profissional. Deste modo, o interesse pelo esporte é despertado em grande parte do público infantil que desenvolve o sonho de se tornarem futebolistas profissionais (Ciampa et al., 2010).

Parte dos entrevistados enfatizou ser a realização de um sonho familiar, resultados que corroboram com os achados de Anjos, Guimarães Saneto e Anchieta Oliveira (2012), em que jovens futebolistas (de 13 a 16 anos) relataram que chegar à profissionalização seria a realização de um sonho motivado, principalmente, pela família.

Fazer o que gosta apresentou-se em 25,8% dos discursos. O futebol é apresentado como paixão nacional e desde a infância o indivíduo é direcionado a gostar do esporte, através dos familiares e das grandes mídias. Em geral, as crianças, especialmente do sexo masculino, são intensamente apresentadas às atividades de torcer e praticar o futebol desde cedo, despertando o desejo de tornar desta diversão inicial uma carreira profissional (Silva, Silva & Santos Marucci, 2012; Melo, Soares & Rocha, 2014).

Macagnan e Betti (2014) evidenciaram que a influência familiar e a aproximação do "futebol espetáculo" geram vivências emocionais marcantes nos sujeitos, o que favorece o estabelecimento do vínculo afetivo com o esporte e a consequente procura por sua prática. Os autores destacaram que essa procura proporciona bem-estar psicossocial, por ser uma prática divertida e que estabelece novos vínculos sociais.

Em 13% dos discursos, ser atleta de futebol é *Ser profissional*, e os profissionais destacaram que há uma diferenciação entre os termos "jogador" e "atleta", enfatizando que se trata de uma profissão que exige comprometimento durante a rotina profissional e pessoal. Rodrigues (2004) denominou o futebol moderno como "uma instituição disciplinadora e civilizadora". O autor enfatizou que através dos avanços científicos e tecnológicos tornou-se evidente que os esportistas necessitam de cuidados específicos com o corpo e imagem social. Destacou-se ainda que os clubes adotam medidas de disciplinamento, como medidas de controle da vida social do atleta, determinando o que deve ou não ser feito, e em caso de indisciplina os atletas sofrem punições como treinar separado ou pagar multas.

Remuneração/Sustento foi a quarta expressão chave que emergiu (7,6%). Morato, Giglio & Gomes (2011) destacaram que muitos familiares incentivam os filhos a tentarem ser atletas profissionais por considerarem esta uma possibilidade de mudar a condição econômica. Rocha, Bartholo, Melo & Soares (2011) enfatizaram que os jovens vêem através do futebol uma oportunidade de futuro promissor, principalmente pela possibilidade de ascensão financeira. Todavia, enfatiza-se que os lugares de destaque e com elevadas remunerações são restritos a poucos profissionais da bola.

O processo de remuneração no futebol é uma dentre as principais dificuldades enfrentadas pela maioria dos atletas brasileiros (Mendel, Burgos & Santos, 2018). Segundo banco de dados da Confederação Brasileira de Futebol, apresentados pelo *globoesporte.com*, em 2015, 96% dos atletas profissionais recebiam abaixo de 5 mil reais mensais, enquanto mais de 23 mil destes, recebiam abaixo de 1 mil reais/mês.

Exercer um dom foi a quinta expressão chave emergente, evidenciada em 6,2% dos discursos. Damo (2008) destacou que existem dois significados ao dom: talento e oferta divina. O dom/talento é utilizado frequentemente em discursos de futebolistas, em específico para identificar que o sujeito tem pré-disposição, habilidade diferenciada, à prática. Já o dom/divino, refere-se a uma ordem divina (de um Deus, ou da natureza), e o indivíduo se coloca como predestinado. O referido autor cita ainda a

possibilidade de o atleta englobar os dois significados em um mesmo discurso, quando se refere a um talento atribuído à uma ordem divina.

De maneira complementar ao supracitado, o assunto dom é histórico e representa o lúdico que o esporte carrega desde os primórdios e, com o avanço da ciência, os estudos de análise na formação de atletas associaram a definição de dom à predisposição de habilidades. Os autores contribuíram ainda que a existência do dom não substitui o processo ensino-aprendizagem que os atletas se submetem durante a carreira, para alcançar o êxito (Giglio, Morato, Stucchi & Almeida, 2008; Cavichioli et al., 2011).

O *Reconhecimento Social* (6,2 %) apresentou-se como 6ª expressão chave. Morão et al. (2010) destacaram que a aquisição de reconhecimento social é um potencial atrativo para o ingresso de crianças ao futebol. Desde o esporte escolar, crianças e adolescentes anseiam chegar ao profissionalismo motivados pelo desejo de alcançar o prestígio social, além de outros fatores (Torri, Albino & Vaz, 2007; Soares et al., 2011).

O “ser futebolista” é apreciado como posição de destaque na sociedade. Estar em notoriedade, através dos diversos veículos de comunicação, coloca os atletas profissionais num pedestal, local de destaque em meio ao meio social originário, considerando que a maioria dos atletas ainda advém de classes econômicas baixas (Teixeira, 2016).

Na última categoria emergente no estudo, 4,6% dos discursos definiram a profissão de atleta de futebol é *Tudo na vida*. Salomão, Ottoni e Barreira (2014), através de estudo realizado com atletas de base do futebol, investigaram a experiência de viver em alojamentos de clubes e, em meio as entrevistas, identificaram que se tornar profissional compreendia um projeto de vida. Os atletas relataram que abdicaram de viver em ambiente com vínculos sociais bem estabelecidos, com suas famílias e amigos, bem como de viver uma rotina normal de adolescente para dedicar-se integralmente ao futebol.

Por fim, ressalta-se que o discurso de um atleta destacou-se dos demais por ser o único a associar o labor à decepções e dificuldades:

Você pensa que é mil maravilhas, vê alguns jogadores fazendo fama... Dentro do futebol eu vivi os piores, e também os grandes momentos da minha vida. Eu agradeço muito ao futebol, em ser jogador de futebol, mas não tenho mais aquilo (de) quando eu era criança, em ser jogador, pelas situações que os clubes hoje oferecem.

A (restrita) possibilidade de ganho econômico e de *status* social que o futebol profissional oferece são atrativos para adeptos do esporte, entretanto, ressalta-se que a realidade da maioria dos clubes brasileiros diverge do desejado (Rocha, Bartholo, Melo & Soares, 2011; Soares et al., 2011). A decepção com o futebol pode ocasionar problemas de cunho social, pelo fato de muitos atletas abdicarem ainda cedo dos estudos para seguir intensas rotinas de treinos em busca da profissionalização. O processo transitório, da formação de base para o profissionalismo é altamente excludente, onde apenas 1/6 dos atletas conseguem firmar contrato, e

poucos conseguem a manutenção deste contrato no decorrer dos primeiros anos, abandonando a carreira (Rigo, Silva & Rial, 2018).

Souza, Vaz, Bartholo e Soares (2008) destacaram que a escolha por pelo futebol, especificamente no Brasil, implica em dois empecilhos: a falta de estrutura/planejamento da família/planejamento familiar e a excessiva dedicação do aspirante, logo ao ingressar nas categorias de base. A falta de planejamento da família se refere às aspirações dos pais e/ou criança ante atitudes tomadas por desejos individuais de um sujeito em formação e sem estrutura biológica e emocional, ante a excessiva carga de treinamentos que dificulta que o atleta concilie estudos e demais atividades recomendáveis para a juventude, e necessárias para o pós-futebol.

Na segunda questão explorada neste estudo, os atletas responderam como se sentiam em jogar profissionalmente no futebol sergipano. Os 78 (setenta e oito) atletas se expressaram em quatro categorias (Quadro 2).

Quadro 2 – Análise dos DSC que representam a sensação de ser atleta profissional em Sergipe, 2014

Grupo	Expressão chave	n (%)	DSC
A	<i>Boa oportunidade /experiência profissional</i>	43 (50,6%)	"Me sinto feliz. É uma experiência, um privilégio e só tenho a agradecer a oportunidade de jogar em Sergipe. Fui muito bem acolhido por todos (torcida e dirigentes), sei que muitos querem estar aqui, no meu lugar e eu estou tendo essa oportunidade de jogar, Graças a Deus. Então, procuro me dedicar, independente de qual seja o futebol. "
B	<i>Pretende jogar em melhores centros</i>	30 (35,4%)	"Em Sergipe, sinto como um trampolim para alcançar metas mais altas, jogar em times maiores. É um estado que não é muito divulgado, muito esquecido no cenário brasileiro, por isso sonho em sair e ser muito mais do que sou."
C	<i>Desvalorizado</i>	6 (7%)	"Me sinto desvalorizado, não tem estrutura física, academia, suplemento, pelos campos que o Campeonato oferece, e torço para que possa melhorar. Se tivesse condições melhores, mais organizado, seria muito melhor. "
D	<i>Indiferente</i>	6 (7%)	"É normal, como em outros clubes e estados. Qualquer lugar que você esteja, você tem que ser profissional. "

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para 50,6% dos atletas, jogar profissionalmente no futebol sergipano representa uma *Boa oportunidade/experiência profissional*. Através deste discurso, evidenciou-se que muitos atletas se sentiam felizes pela oportunidade profissional encontrada nos clubes sergipanos. Estudos destacaram que o futebol brasileiro possui um mercado restrito, em que muitos jovens praticantes se dedicam integralmente na busca do sucesso no esporte e poucas vagas são ofertadas na transição da base para o profissional, excluindo muitos destes aspirantes (Rocha et al., 2011; Nascimento & Barbosa, 2014).

A *Pretensão de jogar em melhores centros* foi a segunda categoria, destacada em 35,4% dos discursos. Os entrevistados destacaram que o futebol sergipano pode servir como um “trampolim”, apenas uma passagem que permite se destacar e alcançar um clube com maior visibilidade nacional. A busca pela ascensão na carreira profissional é uma das principais fontes motivadoras, relacionadas a ascensão estão a melhoria financeira e a conquista de uma vaga na Seleção Brasileira (Rodrigues, 2004).

Os dois últimos grupos destacaram *Desvalorização* (7%) e *Indiferença* (7%) a prática no estado. Os atletas que se sentem desvalorizados destacaram falhas estruturais e administrativas gerais do futebol sergipano. Em Sergipe, o futebol possui dificuldades administrativas que podem estar refletindo nos resultados esportivos, e justificando a pouca expressão dos clubes locais no cenário nacional, conforme demonstra o Ranking de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), onde o *Confiança*, clube sergipano melhor colocado, aparece apenas na 56ª posição (CBF, 2016).

Para exemplificar o DSC supracitado, mediante diálogo estabelecido posteriormente a entrevista e registrado em diários de campo, o atleta relatou estar machucado e sem condições de jogar por ter sofrido uma lesão no joelho e necessitar de uma cirurgia que não foi viabilizada pelo clube, que sequer custeou o tratamento medicamentoso. Venâncio e Gomes (2014) destacaram que no futebol contemporâneo apenas o talento não leva o atleta ao alto rendimento. Os autores enfatizaram que com o avanço da ciência, os clubes devem investir em infraestrutura, física e profissional para o desenvolvimento do departamento de futebol, a fim de se evitar contusões e viabilizar a longevidade profissional dos seus atletas.

O público do futebol, desde torcedores a dirigentes, exige que os atletas apresentem alto desempenho e regularidade, contudo, para que os atletas supram estas exigências é necessário que condições básicas sejam oferecidas, através de adequadas estruturas físicas e profissionais (Araújo-Corrêa et al., 2002).

Considerações finais

O futebol é um esporte de amplo alcance na sociedade e muitos jovens, identificados com a prática, fomentam o sonho de um dia se tornarem profissionais. O presente estudo apresenta, de forma crítica e na visão dos autores sociais, o cenário futebolístico de um centro de menor expressão nacional. Os autoconceitos expressados sobre o “ser jogador” e suas visões sobre a prática profissional e expectativas quanto à continuidade de carreira.

Esta profissão representa um plano de vida aos atletas e seus familiares, em que a responsabilidade com o desempenho físico, técnico e tático, e o comportamento extracampo são fundamentais para o sucesso profissional. A pressão pela regularidade do alto desempenho foi uma questão destacada como de difícil enfrentamento, mas compreendida como inerente e intrínseca ao cotidiano profissional, através da possibilidade de sucesso que o futebol carrega em seu âmago.

Problemas de infraestrutura no futebol sergipano como estádios em condições precárias, falta de material para treino, ausência de acompanhamento médico e de tratamentos específicos, alimentação inadequada, dentre vários outros fatores relatados pelos participantes, são dificuldades comuns nos menores centros futebolísticos do Brasil, mas a motivação por ascensão profissional e social mantém os atletas engajados na carreira.

Sugere-se que estudos outros sobre autoconceito e percepções sobre as condições de trabalho sejam realizados em centros de menor expressão esportiva, para fortalecer nosso conhecimento sobre o tema, e utilizar da ciência como uma poderosa aliada do desenvolvimento do desporto e promotora de melhores condições aos profissionais do futebol.

Referências

- Anjos, J. L., Guimaraes Saneto, J., & Anchieta Oliveira, A. (2012). Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes. *Movimento (ESEF/UFRGS)*, 18(1), 125-147.
- Araujo-Corrêa, D. K., Alchieri, J. C., Duarte, L. R. S., & Strey, M. N. (2002). Excelência na produtividade: a performance dos jogadores de futebol profissional. *Psicologia: reflexão e crítica*, 15(2), 447-460.
- BDO RCS Consultoria. (2015). 8º Valor das marcas dos clubes brasileiros, São Paulo.
- Cavichioli, F. R., Cheluchinhak, A. B., Capraro, A. M., Junior, W. M., & Mezzadri, F. M. (2011). O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(4), 631-47.
- Ciampa A. D. C., Gonçalves Leme, C., & Ferreira de Souza, R. (2010). Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil. *Diversitas: Perspectivas em Psicologia*, 6(1), 27-36.
- Confederação Brasileira de Futebol (CBF). (2016). Ranking Nacional dos Clubes, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cdn.cbf.com.br/content/201612/20161213132531_0.pdf> Acesso em: 16 de Dez. 2017.
- Damo, A. S. (2008). Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23(6), 139-150.
- Daou, M., Fátima Guareschi, N. M., & Azambuja, M. A. (2014). Mídia e a produção do sujeito jogador de futebol profissional. *Fractal: Revista de Psicologia*. 26(3), 963-978.
- Federação Internacional de Futebol (FIFA). (2007). Big Count, Zurich. Disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.statspackage_7024.pdf> Acesso em: 22 de Jan. 2017.
- Gabriel, B. J., Freitas Júnior, M. A. de, Schimanski, É. (2014). O pensamento social acerca do futebol brasileiro: da introdução à paixão nacional. *Revista Eletrônica Fafit/Facis*, 5(1), 56-67.
- Giglio, S. S., Morato, M. P., Stucchi, S., & Almeida, J. J. G. D.

(2008). O dom de jogar bola. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), 67-84.

Globo Esporte. (2016). Em relatório, CBF aponta que 96% dos atletas ganham menos de R\$ 5 mil. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/02/em-relatorio-cbf-aponta-que-96-dos-atletas-ganham-menos-de-r-5-mil.html> Acesso em 07 de Setembro de 2018.

Guterman, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. (2013). São Paulo: Editora Contexto.

Lefréve, F., & Lefréve, A. M. C. (2006). O sujeito coletivo que fala o que fala. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 10(20), 517-24.

Macagnan, L. D. G., & Betti M. (2014). Football: representations and practices of students of the elementary school. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 28(2), 315-327.

Medeiros, T. E., Ferrari, E. P., & Cardoso, F. L. (2014). Relação entre Status Social Subjetivo e Esquemas de Gênero do Autoconceito em Jogadores de Futebol. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(1), 106-117.

Melo, L. B. S. D., Soares, A. J. G., & da Rocha, H. P. A. (2014). Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 28(4), 617-628.

Mandel, C. H., & dos Santos, F. B. P. (2018). Futebol profissional: saída da pobreza?/Professional football: a way out of poverty?. *Mosaico*, 9(14), 195-213.

Morão, K. G., Verzani, R. H., Machado, A. A., Schiavon, M. K., & Moura, T. (2010). Futebol e psicologia do esporte. *Coleção pesquisa em Educação Física*, 9(2), 119-126.

Morato M. P., Giglio, S. S., & Gomes, M. S. P. (2011). A construção do ídolo no fenômeno futebol. *Motriz*, 17(1), 1-10.

Nascimento, M. A. M., & Barbosa, F. P. (2014). Iniciação e carreira esportiva no futebol brasileiro. *FIEP Bulletin On-line* 84(1). Disponível em <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/4470/8740>> Acesso em: 18 de Set. 2017.

Rigo, L. C., Da Silva, D. V., & de Moraes Rial, C. S. (2018). Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 24(1), 263-274.

Rocha, H. P. A. D., Bartholo, T. L., Melo, L. B. S. D., & Soares, A. J. G. (2011). Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. *Motriz*, 17(2), 252-263.

Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. *Psicologia Social*. (2010). Petrópolis: Vozes.

Rodrigues, F. X. F. (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, 6(11), 260-299.

Salomão, R. L., Ottoni, G. P., & Barreira, C. R. A. (2014). Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. *PsicoUSF*, 19(3),

443-455.

Santos, A. D. G. (2014). Os três pontos de entrada da economia política no futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(2), 561-575.

Serra, A. S. V. (1988). O auto-conceito. *Análise psicológica*, 6(2), 101-110.

Silva, M. V. O., Silva, M. B. D., & Santos Marucci, F. D. (2012). A influência do futebol na cultura e na política da América do Sul. *Semioses*, 6(2), 1-12.

Soares, A. J. G., Melo, L. B. S. da, Costa, F. R. da, Bartholo, T. L., & Bento, J. O. (2011). Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 33(4), 905-21.

Souza, C. A. M. D., Vaz, A. F., Bartholo, T. L., & Soares, A. J. G. (2008). Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), 85-111.

Stobäus, C. D. (1983). Desempenho e auto-estima em jogadores profissionais e amadores de futebol. Análise de uma realidade e implicações educacionais. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Teixeira, C. E. S. (2016). Da infância pobre aos campos: a ascensão social de jogadores de futebol profissional. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 15(1), 23-40.

Torri, D., Albino, B. S., & Vaz, A. F. (2007). Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. *Educação e pesquisa*, 33(3), 499-512.

Venancio, T., & Gomes, M. (2014). A ciência entra em campo. *ComCiência* (online), 157. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000300007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 15 de Ago. 2015.

Sobre o autor

Cleberson Franclin Tavares Costa

Mestre em Saúde e Ambiente - Universidade Tiradentes/SE (UNIT)

Aline da Conceição Souza Costa

Mestre em Psicologia Social - Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Marлизete Maldonado Vargas

Doutora em Psicologia, Ciência e Profissão (PUC-Campinas)

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Cleberson Franclin Tavares Costa

Av. Murilo Dantas 300 – Farolândia, Aracaju – SE – CEP 49032-490

E-MAIL

costacleberson90@gmail.com

TELEFONE

(79) 3218-2100